

ANÍSIO TEIXEIRA, 120 ANOS. ANÍSIO, SEMPRE ATUAL

José Nilton Carvalho Pereira (*)

PARTE 1: ANÍSIO E SEU DISCÍPULO, O PROF. HILDÉRICO PINHEIRO DE OLIVEIRA

Não conheci, pessoalmente, o mestre Anísio Spínola Teixeira. Entrei na Faculdade de Administração da Universidade Federal da Bahia, em março de 1971, ano da fatídica e misteriosa morte de Anísio Teixeira, encontrado sem vida num poço de elevador no Rio de Janeiro. Não conheci Anísio, pessoalmente, mas convivi, por quase 10 anos, no Conselho Estadual de Educação, com um dos seus principais discípulos, o professor Hildérico Pinheiro de Oliveira, a quem o saudoso Edivaldo Machado Boavenura chamava “engenheiro-educador”, além de reconhecê-lo como um *alter ego* do mestre: “Ensina-se pela experiência”, reiterava Hildérico, habitualmente, lembrando o mestre Anísio.

Integrei o Conselho Estadual de Educação durante 15 anos (1991-2006). Ali conheci pessoalmente muitos mestres, entre eles Edivaldo Machado Boaventura, Hildérico Pinheiro de Oliveira e Rômulo Galvão de Carvalho, e inúmeros outros que ainda transitam nessa existência, inclusive muitos educadores integrantes da Academia Baiana de Educação. Nessa época, o CEE-BA funcionou no prédio da governadoria, mais uns 10 anos no palacete Bernardo Martins Catharino (Rua da Graça) e, finalmente, num prédio alugado, no Rio Vermelho.

Muito aprendi sobre Anísio Teixeira com o prof. Hildérico Pinheiro de Oliveira (água comprida, atual Simões Filho, 12/6/1921 – Salvador, 5/9/2000). Hildérico, professor de engenharia, presidente do CEE-BA, fundador e primeiro presidente do Instituto Anísio Teixeira (IAT). Muito aprendi com o prof. Hildérico, inclusive sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), um tipo de escola integral (teoria e prática), com feições mais humanas e laicas, que vem a se materializar, também, em Salvador, em 1950, com a criação da Escola Parque no bairro da Caixa D’água, ao final do governo Mangabeira, mas por iniciativa de Anísio Teixeira, mais uma vez Secretário Estadual da Educação.

De forma vestibular – com ensinamentos do prof. Hildérico - assimilei um axioma de Anísio, que explica grande parte de sua obra. Anísio dizia e reiterava, segundo Hildérico: “*O maior inimigo do bom é o ótimo.*” Eis aí um mantra antiburocracia, pragmático, de um pensador que se afastou o suficiente do cartesianismo francês e abraçou-se, de corpo e alma, com o pragmatismo americano, de origem anglo-saxônica, espelhado por pensadores e educadores como William James e John Dewey, este último de quem Anísio era discípulo-escudeiro.

Esse pragmatismo já havia sido reverenciado no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), quando Anísio Teixeira era Secretário da Educação do Distrito Federal (Rio de Janeiro). O movimento escolanovista inspirava-se no pragmatismo norte-americano, sob a influência – vale repetir - de pensadores como John Dewey, William James e, antes - muito antes - Émile Durkheim (1858-1917), pensador francês, criador da Sociologia da Educação. O ano de 1932 era simbólico: comemoravam-se os dez anos iniciais da Semana de Arte Moderna em São Paulo (13, 15 e 17 de fevereiro de 1922), a semana de três dias, que implicou o início da libertação da literatura e arte no Brasil.

Entre os redatores do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, com 26 signatários, lideravam Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Afrânio Peixoto, Almeida Júnior, Roquette Pinto, Delgado de Carvalho, Hermes Lima, Carneiro Leão e, em último, jamais por último, a doce, suave e abstrata Cecília Meireles, que era professora de ofício, mesmo após ter sido expulsa da Escola Normal do Rio de Janeiro, “por insubordinação mental”, a mando de um arcaico diretor alemão, que a surpreendeu recitando poemas eróticos de Olavo Bilac (acredite!). Resultado: o diretor é que foi transferido. o baiano Afrânio Peixoto assumiu a direção da escola e Cecília concluiu o curso normal.

É essencial acrescentar que o incansável mestre Anísio Teixeira participou, também, do “Manifesto dos Educadores” (1/7/1959), mais uma vez convocados, em reafirmação ao “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova” (1932), com a reivindicação de uma escola pública, laica, obrigatória e gratuita, em oposição ao pensamento de setores da igreja católica, sob a liderança do político Carlos Lacerda, o

“língua de fogo”, um homem que sabia falar com eloquência, portanto um homem perigoso, acompanhando aqui o pensamento do genial Demóstenes, o maior orador grego da antiguidade..

Anísio Teixeira sempre associava teoria e prática. Talvez, por isso, tenha afirmado numa carta ao também educador baiano – prof. Edivaldo Machado Boaventura – que, no Brasil, até os anos sessenta do século xx, somente a Faculdade de Medicina tinha alcançado nível internacional. Anísio fazia oposição ao ensino meramente burocrático. Pra Anísio, o maior inimigo do “bom” é o “ótimo”. Realmente, o burocrata quase nada faz porque espera construir o ótimo: o pragmático não perde tempo, vai construindo.

Sabe-se que Anísio acolhia a ciência da Estatística, sem se apaixonar por ela na prática educativa. E o engenheiro-educador Hildérico Pinheiro de Oliveira afirmava, certamente como *alter ego* de Anísio: “Estatística é a ciência que nos ensina como é que um homem de 1 metro e 80 se afoga num rio de um metro e quarenta. Ele se afoga pela média, se não souber nadar e se estiver acompanhado de crianças pequenas que também desconheçam a natação. o que ele quer dizer é que a estatística apenas coleta e analisa os dados que já foram produzidos na fonte primária da escola. e que não é a essência do processo educativo.

PARTE 2. ANÍSIO TEIXEIRA E SEU LIVRO “O ENSINO NO ESTADO DA BAHIA”

Eis, agora, uma grande obra: “O Ensino no Estado da Bahia”. É um livro-relatório de Anísio Teixeira - um resumo do que ele produziu de 1924 a 1928, quando foi “Diretor de Instrução Pública”, hoje “Secretário Estadual de Educação”, no governo de Goes Calmon. Sabe-se que Anísio não criou a escola pública no Brasil, mas ajudou a estruturá-la, a desenvolvê-la, a penetrar na alma do processo de ensino e aprendizagem. Em substituição às antigas aulas régias pombalinas, a escola pública foi criada pela Lei Geral do Ensino (15/10/1827) e, por isso, 15 de outubro é o Dia do Professor.

A lei geral de ensino, de 1827, mandava abrir escolas em todas as vilas e lugares populosos do país, mas se esqueceram de que era preciso pagar ao professor. Como não havia dinheiro, cada província manteve, apenas duas... três... raríssimas escolas, e as aulas, muitas vezes eram ministradas em salões de grandes fazendas e até em igrejas, ainda com muita herança das aulas pombalinas. Colocando em prática essa lei do ensino - quase 100 anos depois -, Anísio foi, em seu tempo, o grande construtor inicial de escolas na Bahia, tendo sido auxiliado, algumas décadas depois pelo já citado discípulo-educador, prof. Hildérico Pinheiro de Oliveira.

E, como eram as escolas do mestre Anísio? Ainda existe uma, em minha terra, Araci-BA, entre Serrinha e Tucano. Araci, antiga Vila do Raso, encravada no Sertão de Cima ou sertão dos índios TOCÓS (Índios que dormiam em tocas ou grutas, e não em palhoças, índios mais antigos que os tupis – segundo a saudosa tupinóloga Consuelo Pondé de Sena. Índios que foram empurrados pelos tupis do litoral ao mundo inóspito do interior, onde a lama do massapé cede espaço ao sertão do espinho (“pindá”) com árvores tortuosas. índios tocos, que receberam, posteriormente, pelo seu atraso, o apelido pejorativo de “tapuias”).

De modo reiterativo, como era uma escola física de Anísio Teixeira? Para início de conversa, o colégio ficava na frente, e a residência - geralmente da professora - ocupava o fundo do prédio, guardando a devida distância. Os móveis escolares, de madeira, permitiam que dois alunos convivessem e dialogassem lado a lado. Já existia quadro de giz e janelas, para arejar o ambiente.

Ponto de honra: no tempo de Anísio Teixeira, até mesmo quando foi Secretário da Educação do governo Otávio Mangabeira (10/4/1947-31/1/1951), o professor recém-formado não começava ensinando na capital. É o que ainda se faz até hoje com os juizes de direito. No interior, o professor, até por comparação, multiplicava seus conhecimentos e ampliava sua visão da realidade. Como exemplo, a famosíssima mestra Anfrísia Santiago começou dando aulas em Santo Estêvão.

Acrescente-se que Anísio tinha “carta branca” do governador Mangabeira. Daí, suas grandes realizações à época: a) implantou concurso público para professor; b) criou e implementou a Escola Parque (Centro Educacional Carneiro Ribeiro); c) criou os ginásios de bairro (seções): em Nazaré, Colégio Severino Vieira (1948); na Liberdade, o Colégio Duque de Caxias (1948, como ginásio); c) em Itapagipe, o Colégio João Florêncio Gomes, e mais: o Colégio Estadual da Bahia, na av. Joana Angélica - renovado - passou a se chamar Central. Curioso é que o modelo foi copiado, posteriormente, tendo surgido a seção do Rio Vermelho (Colégio Manoel Devoto), em Brotas, o Colégio Góes Calmon; em São Caetano, o Colégio Pinto de Carvalho e uma seção do Instituto Normal da Bahia na idade baixa: o Colégio Alípio Franca. Na mesma gestão, o governador criou o Estádio Otávio

Mangabeira (Fonte Nova), construiu o Hotel da Bahia (o mais luxuoso de Salvador, em 1950) a Av. Otávio Mangabeira, ligando o Farol da Barra a Itapuã. e, mais uma vez, por influência de Anísio criou a Biblioteca Central de Educação e realizou um salão de belas-artes.

Fora da Bahia, entre outras atividades e realizações, Anísio foi Conselheiro da UNESCO para o Ensino Superior (1945-1946). Fundador da Universidade Federal de Brasília (21/4/1962), sob a liderança de Darcy Ribeiro. O próprio Darcy, quando criou os CIEPS no Rio de Janeiro (governo Brizola), reconheceu em mais de uma oportunidade, a influência recebida da Escola Parque, criada por Anísio.

Integrou o Conselho Federal de Educação, deixou acentuadas marcas no INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e na Universidade do Brasil, futura UFRJ. Após a criação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Decreto n.º 29741/5, de 11/7/1951), o baiano e . ministro da Educação, Ernesto Simões Filho levou Anísio para presidir a instituição (1952-1964). Com o advento da Lei n.º 11.502/2007, a CAPES ampliou sua missão: passou a fomentar, também, aperfeiçoamento de professores da Educação Básica.

Em 1981, dez anos após sua trágica morte, foi criado o prêmio Anísio Teixeira, que continua a ser oferecido a cada cinco anos. Entre os vencedores (Educação Superior), elevam-se os nomes de Carlos Chagas Filho, Adib Domingos Jatene, Antônio Candido, Darcy Ribeiro, João Calmon e, *post mortem*, Florestan Fernandes e Milton Santos. Em 2016, na abertura da premiação (Educação Básica), foram contemplados Magda Becker Soares (UFMG/MG), Carlos Roberto Jamil Cury (PUC/MG) e Dermeval Saviani (UNICAMP/SP).

Urge retornar ao livro “O Ensino no Estado da Bahia”, com arquivos de inúmeras fotografias da época e dados estatísticos que comprovam a visão de Anísio - de escola integrada -, associando teoria e prática. São fotos de prédio escolar construído em Inhambupe, Ssantana dos Brejos, Serrinha, Canavieiras, Camisão (Ipirá), Muritiba, Caculé, Cachoeira, Condeúba, Alagoinhas, Santo Amaro, Nazaré das Farinhas, Miguel Calmon, Conceição do Coité, Bom Jesus da Lapa, Pojuca, Bonfim, Itabuna e diversas escolas da capital, em especial, fotos da antiga Escola Normal, quando funcionava na Av. Joana Angélica, onde é hoje o Ministério Público Estadual.

“O Ensino no Estado da Bahia (1924-1928)”, cuja cópia rara me foi entregue pelo prof. Hildérico Pinheiro de Oliveira, resultou no último pedido que me fez o mestre, já nos meses finais desta existência. faleceu no dia 5 de setembro de 2000, no Hospital Português, e o livro só pôde ser republicado em 2001, em edição fac-símile, com a nossa colaboração, com a arte-finalização e patrocínio do Colégio Apoio. Prometi a Dona Jove (esposa) e a Maria Clara, filha de Hildérico e nossa ex-professora, relançar o volume, principalmente para arquivo no Instituto Anísio Teixeira.

Na abertura do livro em fac-símile, uma preciosidade: a apresentação da prof.^a Anna Christina Monteiro de Barros, presidente do Instituto Anísio Teixeira, em setembro de 2000:

“Pensei, então, em utilizar-me desta oportunidade como forma de homenagear o saudoso professor Hildérico, ressaltando sua trajetória de lutas pela Educação e sua lealdade ao companheiro educador, na defesa intransigente do legado de Anísio Teixeira. E logo percebi que, se pudermos contribuir para divulgação deste Relatório, estaremos todos prestando a ambos, Anísio e Hildérico, uma homenagem póstuma.”

PARTE 3. ANÍSIO TEIXEIRA E EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA: CONVÍVIO E CORRESPONDÊNCIA

Quase ao final do governo baiano de Luís Viana Filho (1967-1971) , o prof. Edivaldo foi Conselheiro Estadual de Educação (desde 1968) e Secretário Estadual da Educação (1970-1971), ano da morte de Anísio Teixeira. Mas houve tempo para uma real aproximação e encontros no Rio de Janeiro, após um rápido conhecimento, em Salvador, na Secretaria de Educação, por iniciativa de Navarro de Brito. De forma sintética, relato aqui duas esclarecedoras correspondências do mestre Anísio ao prof. Edivaldo e indagações do educador feirense:

1. Ao final de 1968, Anísio enviou-lhe a seguinte epístola, em que valoriza a prática do aprender e de como estudar. É um verdadeiro guia prático de ensino e aprendizagem. Era a resposta essencial sobre o livro de Edivaldo, *“Problemas didáticos do ensino superior”*.

“Rio, 13 de dezembro de 1968.

Meu caro Prof. Edivaldo,

Para que não fiquem dúvidas sobre o nosso primeiro encontro, deixe-me que lhe diga que considero de suma importância os assuntos que feriu em seu trabalho sobre Problemas Didáticos do Ensino Superior, que teve a bondade de me oferecer.

Não há professor de ensino superior que não deva estar familiarizado com todas aquelas ideias, métodos, técnicas, processos e recursos do ensino superior.

O meu ponto de vista é que tudo isso ele, se se destina a ser professor, deve procurar saber e aprender. Mas, como candidato ao magistério superior, é pessoa que já adquiriu uma cultura avançada, devendo dominar, perfeitamente, os métodos de aprender por si – *self learning*. Não há necessidade de um *curso* para isto. A convivência com o ensino (pelos cursos que fez) e o hábito do estudo o habilitam a adquirir por si tudo que o livro pode dar e o restante é questão de prática e de exemplo e de *notes* pessoais. Como sua carreira vai de *auxiliar* de ensino até *professor pleno* - toda essa carreira é seu curso de como ensinar e como estudar.

Considerando o ensino como algo de paralelo à clínica médica, se ele dominar a sua disciplina, a arte de ensinar lhe virá pela prática; a prática lhe exigirá muita leitura, muitos estudos, muita experimentação e muito interesse pelos exemplos de bom ensino que lhe deem outros professores. Sou mais, e não menos ambicioso, do que v. quando considero o curso especial de didática. Julgo o curso dispensável e, talvez, perigoso, porque pode pretender *formar* professor de ensino superior e este somente se forma pela prática longa e interminável de toda a sua vida de professor.

Hoje todos reconhecem que só se ensina o *como aprender*, ficando o *que deve o aluno aprender*, entregue aos seus cuidados e seus esforços. Se assim é, todo o ensino é um ensino de didática, da didática do conhecimento que estiver ensinando. Como posso eu cuidar de didática em si mesma? É evidente que há um sem número de conhecimentos especiais que comporiam a didática – mas esses conhecimentos, como os de filosofia e lógica, são conhecimentos gerais que o professor adquiriu pelos seus estudos. Meu ponto de vista, pois, é simples: se alguém deseja ser professor é que resolveu dedicar sua vida a estudar e como estudante é que vai ensinar. Como sua luta por *aprender* fez-se a sua própria vida, não há problema relativo a como aprender de que não tenha experiência. Essa experiência é que o vai guiar na tarefa de transmitir o conhecimento. Em rigor, o que ele transmite é sua experiência de ter aprendido e, dentro dela, a de *como* aprendeu. Tudo isso, portanto, é tão amplo, envolve de tal modo toda a sua atividade, que seu método de ensinar é resultado de sua vivência em aprender e, depois, de tentar ensinar.

Um “curso” poderá lhe dar concentradamente, muito de informação, mas prefiro que a busque por si, estudando. Há toda uma biblioteca para nutri-lo. O mais, o seu hábito de autodidata, palavra que precisamos reabilitar, lhe virá dar.

O seu trabalho, considero-o uma contribuição a cursos de extensão sobre o assunto, que lhe seriam, por certo, muito úteis, mesmo para professores experimentados. Cursos de extensão são cursos de informação. De vulgarização, de atualização, todos hoje indispensáveis, dentro da explosão de conhecimentos em que estamos envolvidos.

Com os agradecimentos pela sua visita e o abraço do colega e admirador,

Anísio S. Teixeira. “

2. Em 22 de março de 1969, outra carta de Anísio a Edivaldo, tratando agora sobre a essência da organização acadêmica, associada à gentileza de chamar o educador feirense de colega:

“Meu caro colega Edivaldo Boaventura:

Estou realmente em falta com o prezado amigo. Sumamente atarefado com tradições, preparo de livros para publicação e – o pior - revisões de traduções alheias, que me dão, às vezes, mais trabalho do que as minhas

próprias, retardei-me em responder à primeira remessa do seu índice de “Universidade, Estrutura e Método”, que me veio acompanhando do seu trabalho sobre Ordenamento das Ideias na Comunicação Humana.

Agora, recebo sua carta de 19 de abril, pela qual vejo que desejava minha opinião e apreciação. Lembra-se que em sua primeira carta dizia-me que esperava “rever-me quando aí for”. Confesso que me reservava, que imaginava utilíssima, pois, hoje também venho pensando muito em nossa universidade.

Acho que o plano do seu livro extraordinariamente interessante. Está claro que não se pode julgar um livro pelo seu índice, mas parece tratar-se de algo compreensivo e particularizado quanto à situação brasileira. Por este lado, é que a sua obra me interessa, pois não me satisfaz apenas o plano ideal do que *deve* ser, mas o de que *pode* ser dentro das condições reais e práticas e, verdadeiramente, *culturais* do país. A imaginação está em desenvolver as potencialidades do possível...

Bem sei que tudo isto parte de um substrato de ideias lúcidas e básicas, as quais, entretanto, não são ideais, mas deverão estar incorporadas *built in*, no comportamento cultural brasileiro. Isto me leva a não ser tão apaixonado quanto muitos pela *simples* mudança de *estrutura*, concebida antes como forma de organização do que como forma de distribuição do poder dentro da organização.

Como sabe, no Brasil, a própria terminologia do ensino superior é ambígua e confusa. “Faculdade” é aqui o mesmo que escola, quando faculdade é, creio que em todo mundo, “colégio de professores de um campo de estudos”. Não chegamos também à ideia do currículo, substituindo-o por matérias, cursos e programas, mas tudo rígido, uniforme e imposto por lei, alheio, portanto, à experiência de um processo continuado, a ser concebido e estudado em cada caso. Cada *matéria* hoje envolve uma infinidade de *custos*, a ser definido em cada caso e o *currículo* é que seria a continuação articulada e detalhada desses cursos, cada um dos quais, em seu currículo, teria seu programa ou “sílabas”.

A ideia de *departamento*, como setor da faculdade, está a nos chegar, mas receio bem que nos venha com deformações decorrentes de não termos experiência desse órgão como é concebido na organização americana. A institucionalização de nossa vida é toda feita de fora para dentro, daí a sua alienação e consequente deformação.

No Brasil, a *real experiência* do ensino superior é a escola ou “faculdade”, de medicina que, a despeito de ser isolada, profissional e sujeita à desorganização local, logrou criar a cultura científica médica. Para ela, para seus defeitos e qualidades, é que devíamos olhar para saber o que *poderíamos* fazer com o restante da universidade. Em vez disto, misturamo-la com as outras e estamos em caminho de destruí-la, dentro de planos ideais, que não sei como atuarão na prática.

Nada disto, por certo, afeta o seu trabalho que terá outro caráter. Mas como estou dentro desse empirismo, pensando que a reforma da universidade só pode ser uma mudança nas formas existentes e não *das* formas existentes, não posso me entusiasmar apenas pela formulação do seu plano. A curiosidade imensa provém do que V. puder achar, descobrir e da análise que fizer. Creia-me que serei o mais curioso e devotado leitor do seu livro. Se merecer lê-lo, antes de ser publicado, creio que me interessarei mesmo pela sua publicação, pois o assunto está em cheio dentro das minhas preocupações.

Meu entusiasmo, contudo, com planos ideais e reformas por meio de leis é espantosamente moderado. As ideias são extraordinariamente importantes, mas para ser atuantes têm de estar incorporadas nos modos de ação, nos hábitos de compreensão e sentimento para se transformarem em *motivações* do comportamento individual. Todas que são operantes são isto e daí as chamarmos de preconceitos, prejuízos. Os novos conceitos e juízos têm de se fazer pré-conceitos e pré-juízos para daí mudarem de novo. Isto representa tempo, trabalho, experiência.

PARTE 4. ANÍSIO TEIXEIRA, A UNESCO E O RELATÓRIO JACQUES DELORS (EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI)

O economista e professor francês - Jacques Delors – foi presidente da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (1992-1996), com iniciativa e patrocínio da UNESCO, o que resultou no livro “Educação, um tesouro a descobrir”, de ampla circulação no Brasil, a partir de 1997. Assim, surgiram os quatro pilares com saberes e competências para a educação do século XXI, o que reafirma o pensamento de Anísio Teixeira de associar teoria e prática num processo contínuo de reflexão crítica.

PRINCÍPIO 1: APRENDER A APRENDER: A aprendizagem é um processo continuado de construção e reconstrução do conhecimento, fluindo como um rio em direção ao mar da existência. É preciso reconstruir os modelos do passado, de forma crítica, com roupagem nova e visão de futuro.

PRINCÍPIO 2: APRENDER A FAZER FAZENDO (Ex.: A Escola Parque, de Anísio Teixeira): A contínua evolução das profissões e a atualização do conhecimento tornam essencial abraçar informação e prática, o que já acontece, hoje, habitualmente, nesse nosso universo técnico-digital, em que as aulas híbridas e aulas *online* convivem com a realidade presencial objetiva.

PRINCÍPIO 3: APRENDER A SER: Aqui a educação do século XXI retorna ao mundo grego e aos princípios socráticos do “conhece-te a ti mesmo”. É claro: quem não conhece a si mesmo como poderá interpretar o mundo e a realidade exterior?

PRINCÍPIO 4: APRENDER A CONVIVER: O homem jamais será um lobo solitário. Logo, a convivência é essencial, na interação, permuta e reconstrução de sentimentos e valores socioemocionais. É indispensável desenvolver a percepção de cooperação e interdependência para administrar conflitos e participar de projetos coletivos. Há muito, o ser humano deixou de ser apenas o “Penso, logo existo” (*Cogito, ergo sum*), de Descartes. Uma reconstrução atual desse pensamento seria: “Penso, tenho emoções, sou capaz de realizações pessoais objetivas, logo existo.” É o homem quântico de Einstein.

PARTE 5. ANÍSIO TEIXEIRA E AS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO

Implementadas pela Resolução CNE-3, DE 21/11/2018, as novas diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Médio refletem a essência do pensamento de Anísio Teixeira ao longo de sua existência de quase 71 anos. Apenas a título de exemplo, consultem-se trechos do art. 5.º e do art. 6.º dessa Resolução :

“Art. 5º O ensino médio em todas as suas modalidades de ensino e as suas formas de organização e oferta, além dos princípios gerais estabelecidos para a educação nacional no art. 206 da Constituição Federal e no art. 3º da LDB, será orientado pelos seguintes princípios específicos:

I - formação integral do estudante, expressa por valores, aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais;

II - projeto de vida como estratégia de reflexão sobre trajetória escolar na construção das dimensões pessoal, cidadã e profissional do estudante;

III - pesquisa como prática pedagógica para inovação, criação e construção de novos conhecimentos;

IV - respeito aos direitos humanos como direito universal;

V - compreensão da diversidade e realidade dos sujeitos, das formas de produção e de trabalho e das culturas;

VI - sustentabilidade ambiental; (novidade)

VII - diversificação da oferta de forma a possibilitar múltiplas trajetórias por parte dos estudantes e a articulação dos saberes com o contexto histórico, econômico, social, científico, ambiental, cultural local e do mundo do trabalho;

VIII - indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos protagonistas do processo educativo;

IX - indissociabilidade entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem.

Art. 6º Para fins de obtenção de maior clareza de exposição, ficam definidos os seguintes termos utilizados na presente Resolução:

I - **FORMAÇÃO INTEGRAL:** é o desenvolvimento intencional dos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais do estudante por meio de processos educativos significativos que promovam a autonomia, o comportamento cidadão e o protagonismo na construção de seu projeto de vida;”

Em sentido conclusivo, convém lembrar a todos os acadêmicos que já integramos o quase bicentenário Conselho Estadual de Educação que, neste ano comemorativo dos 120 anos do nascimento de Anísio Teixeira e em que se reafirma a contínua atualidade de suas ideias relativas do mundo educacional, o CEE-BA aprovou - em 13/7/2020 – a Resolução n.º 43/2020, que concede a Anísio Teixeira o título de Patrono do Conselho Estadual de Educação. Relembre-se que essa Resolução é do dia 13 de julho, ato contínuo ao 12 de julho, data aniversária dos 120 anos de nascimento do sempre festejado mestre .

Acreditamos que a melhor maneira de encerrar esta resenha, seja a bem refletida imagem que a querida filha mais nova, Babi (Ana Cristina Teixeira Monteiro de Barros) reitera do pai imortal, Anísio Teixeira: *"O que todo mundo diz (...) e é que os educadores têm que discutir muito as questões que ele levantou e ainda não estão resolvidas. Seja a questão universitária, a da formação do professor, a valorização do magistério ou a questão da escola pública, que ainda não foi superada."*

Em tom meio fúnebre, mas que credenciamos como um "PORTAL DA IMORTALIDADE", é essencial recordar que Anísio morreu recolhendo apoio para sua ascensão à Academia Brasileira de Letras, no tempo em que era presidida pelo professor e ensaísta pernambucano, o jornalista Austregésilo de Athayde. Foi encontrado sem vida no poço de um elevador em março de 1971, três dias depois de seu desaparecimento. Isso aconteceu após uma visita à residência do mestre filólogo, lexicógrafo e semanticista que virou nome de dicionário, o multiletrado Aurélio Buarque de Holanda.

(*) JOSÉ NILTON CARVALHO PEREIRA: 1) Membro benemérito e 1.º Vice-Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; 2) Diretor e Membro Benemérito da Academia Baiana de Educação; 3) Conselheiro Estadual de Educação durante 15 anos (1991-2006); 4) Membro fundador do Conselho de Educação (Lauro de Freitas-BA); 5) Sócio-mantenedor do Curso e Colégio Nobel (1973-1985), o maior colégio que existiu à época na Bahia com, aproximadamente, 10.000 alunos - portanto diretor de Escola há mais de 40 anos; 6) Fundador e sócio-mantenedor do Colégio Apoio (1987); 7) Professor de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Redação, desde 1971 (em cursos pré-vestibulares e colégios).

REFERÊNCIAS:

TEIXEIRA, Anísio. O ensino no estado da Bahia (1924-1928). Salvador, 2001, ed. fac-símile, produção e patrocínio: Colégio Apoio, 123pp.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. *O Anísio Teixeira que eu conheci*. Revista da FAEBA. Salvador, n. 5. Seção Depoimento, jan./jun. 1996, p. 5-16

OLIVEIRA, Hildérico Pinheiro de. *Anísio Teixeira – cem anos e o direito à educação*. Revista da Bahia. Salvador, v. 32, n. 31, jul. 2000, p. 92-104.

TEIXEIRA, José Antônio. Anísio Teixeira: 100 anos de pensamento vivo. *Educação. Rio de Janeiro*, v. 32, n. 101, abr/jul. 2000, p. 5-11

GONDRA, José. ANÍSIO TEIXEIRA – lugares de lembrar. *Núcleo de Comunicação e Educação (Nucom), Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro* [s/d].

CEE-BA, Resolução n.º 43, de 13 de julho de 2020.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Anisio_Teixeira.

<https://www.capes.gov.br/historia> e missap

https://www.wikipedia.org/wik/Prêmio_Anísio_Teixeira.

<https://www.bvanisio Teixeira.ufba.br/livro11>, p.26.htm

<https://www.google.com/search?wq=manifesto+dos+educadores+de+1959>

https://www.google.com/search?q=inep&rtz=1C1AMFC_enBR877&oq=inep&aqs=chrome.